

* **Novas escrituras e mediações em saúde**

" **O veneno está na mesa** "

DOI: 10.3395/reciis.v6i1.575pt

Silvia Santos

Jornalista, especialista em Comunicação e Saúde, mestre em Saúde Pública. Atua na no Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães/Fundação Oswaldo Cruz
sbsantos@cpqam.fiocruz.br



Sinopse

O Brasil é o país do mundo que mais consome agrotóxicos: 5,2 litros/ano por habitante. Muitos desses herbicidas, fungicidas e pesticidas que consumimos estão proibidos em quase todo mundo pelo risco que representam à saúde pública. O perigo é tanto para os trabalhadores, que manipulam os venenos, quanto para os cidadãos, que consomem os produtos agrícolas. Só quem lucra são as transnacionais que fabricam os agrotóxicos. A idéia do filme é mostrar à população como estamos nos alimentando mal e perigosamente, por conta de um modelo agrário perverso, baseado no agronegócio.

Ficha Técnica

Documentário "**O veneno está na mesa**"

Direção: Silvio Tandler

Ano: 2011 / Duração: 50 minutos/cor

Produção: Caliban / Apoio: EPSJV-Fiocruz

Disponível na Internet em: <http://www.youtube.com/watch?v=8RVAgD44AGg>

O filme "**O veneno está na mesa**", de Silvio Tandler, integra um conjunto de materiais elaborados pela *Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida*, empreendimento lançado por mais de 30 entidades da sociedade civil brasileira, movimentos sociais, entidades ambientalistas, estudantes, organizações ligadas à área da saúde e grupos de pesquisadores. O documentário foi produzido pela produtora Caliban, do próprio Tandler, com o apoio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz.



(imagem/foto: scanner)

A questão do uso do agrotóxico no Brasil é complexa e envolve vários aspectos relacionados, sobretudo, à política agrícola implantada no Brasil a partir de 1960. O Brasil já é o terceiro

exportador agrícola do mundo. Dados da Organização Mundial do Comércio (OMC), divulgados em 2010, revelam que apenas Estados Unidos e União Européia vendem mais alimentos no planeta que os agricultores e pecuaristas brasileiros. Por outro lado, como informa o material promocional da *Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida*, o Brasil é o primeiro colocado no ranking mundial do consumo de agrotóxicos. Em 2010, de acordo com dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Defesa Agrícola, mais de um milhão de toneladas de venenos foram utilizados nas lavouras brasileiras.

Um dos objetivos da *Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida* é justamente abrir um debate com a população sobre os danos ao meio ambiente e à saúde dos trabalhadores, das comunidades rurais e dos consumidores nas cidades gerados pelo uso abusivo de agrotóxicos. Esse é também o objetivo maior do “**O veneno está na mesa**”. Tal qual a imagem que ilustra o cartaz da Campanha – um monomotor pulverizando pesticida sobre o succulento prato de salada crua – o filme procura ser didático para apresentar o complexo tema. E o título não poderia ser mais explícito. Com denúncias fortes, é um documentário que causa impacto, sobretudo nos consumidores das cidades.



(imagem/foto: avião/cartaz)

Tendler conhece a complexidade do tema, que teve o seu interesse despertado há dois anos, em conversa com o jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, quando ficou sabendo que o Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo. Tanto assim que, no debate realizado na Fiocruz Pernambuco, após a exibição do documentário, o cineasta revelou que pretende realizar, na seqüência, mais dois filmes sobre o tema. Um para discutir a questão da agricultura orgânica e as alternativas contra os agrotóxicos. E outro sobre a destruição da natureza e do planeta por causa do modelo de desenvolvimento adotado hoje no mundo.



(imagem/foto: eduardo galeano)

Com a narração feita pelos atores Dira Paes, Júlia Lemmertz e Caco Clocer, além do ator e diretor de teatro Amir Haddad, Tendler busca, nesse primeiro momento, apresentar um painel com as principais questões relacionadas ao uso do agrotóxico e de sementes transgênicas no Brasil. Para o documentarista, “**O veneno está na mesa**” deve ser visto como um filme denúncia, ou melhor, uma “denúncia sistêmica”, no dizer do próprio diretor, contra os rumos do modelo adotado na agricultura brasileira.

Tendler constrói o roteiro do documentário com o auxílio de reportagens e entrevistas veiculadas no rádio e na TV. O primeiro a ser “convocado” é o rádio. Logo no início do filme, após a entrevista com o escritor Eduardo Galeano, aparece a imagem de um aparelho de rádio antigo, de madeira, com o áudio do comentário do jornalista André Trigueiros no Programa Mundo Sustentável, da Rádio CBN. No trecho apresentado, o jornalista fala sobre o poderoso lobby dos agrotóxicos no Brasil sendo este o áudio da apresentação dos créditos iniciais do documentário.

Mais adiante, o diretor apresenta a primeira das três reportagens da TV contidas no documentário. Veiculada no Bom Brasil, da Rede Globo de Televisão e produzida pela Rede Globo Nordeste, a matéria é sobre uma pesquisa realizada na Central de Abastecimento em Pernambuco

pela Agência de Defesa Agropecuária. O estudo comprova a contaminação por agrotóxicos de frutas e verduras produzidas em vários Estados do país e comercializadas naquele centro de compras. A matéria apresenta também o caso de um agricultor pernambucano que perdeu o olho devido a uma infecção causada pelo uso de veneno na lavoura.



(imagem/foto: aplicação de agrotóxico em couve)

A outra reportagem, veiculada pelo Jornal de Mato Grosso, da TV Bandeirantes, em Mato Grosso, é também sobre uma pesquisa que, desta feita, comprovou a existência de pesticidas no leite materno; A terceira matéria apresentada no documentário foi também veiculada no Bom Dia Brasil e foi feita no Paraná. Trata do uso de pesticidas nas lavouras de trigo. Uma das principais questões levantadas pela reportagem é que os produtos brasileiros correm o risco de não serem aceitos no mundo devido a uso excessivo de agrotóxicos.

Todas as reportagens apresentadas aparecem emolduradas por uma imagem de um aparelho de TV, que a exemplo do rádio, é também de um modelo antigo.

De acordo com Tendler, a estratégia de utilização de material veiculado na mídia teve como objetivo dar legitimidade ao discurso do filme com os textos e sentidos da mídia, já legitimados.

O conceito de texto aqui utilizado é o conceito ampliado, que o correlaciona com qualquer forma de expressão humana, e que pressupõe que “textos são feitos (...) de sentidos que pré-existem, e que são combinados por nós para atender uma dada situação, para serem lidos em determinados momentos por pessoas que possuem características específicas em conteúdos específicos” (ARAÚJO, 2003). Por outro lado, compreendemos discurso como um conjunto de textos articulados numa prática, a prática discursiva. O discurso em questão é aquele produzido pela comunidade discursiva (ARAÚJO, 2004) formada pelas entidades participantes da campanha contra os agrotóxicos. Textos são parte importante da construção dos sentidos e é nesse movimento que se dá a luta simbólica pelo poder.

De fato, sabemos que os meios de comunicação de massa cumprem hoje um lugar fundamental na formação do olhar que a população lança sobre o mundo e as relações sociais. Podemos afirmar que a mídia detém hoje, em nossa sociedade, a maior parcela de poder simbólico – o poder de fazer ver e fazer crer – de acordo com Bourdieu (1989). A ela cabe grande parcela de responsabilidade na configuração do imaginário e das práticas sociais, além do papel de agendamento das questões que a sociedade deve considerar relevante para o debate público.

Em artigo que analisa a comunicação midiática e o Sistema Único de Saúde (SUS), Oliveira (2000) afirma que a mídia ocupa hoje um lugar privilegiado de visibilidade pública e legitimidade das forças atuantes na sociedade. Como um ator político, a mídia aciona e interpela diversos campos sociais, entendendo campo social como um espaço de definição de esferas de legitimidade, de acordo com o domínio de competência, que impõe atos de linguagem, discursos e práticas.

A estratégia de utilizar as reportagens veiculadas pela mídia serviria ainda para contextualizá-las, já que para Tendler os discursos produzidos pela mídia são descontextualizados, superficiais e não estabelecem relações de causa e efeito. O material vinculado da mídia acaba “costurando” os depoimentos, 17 no total, todos vindos das entidades proponentes do filme (a exceção do escritor e jornalista Eduardo Galeano, cujo depoimento inclusive abre e fecha o documentário).

De fato, o documentário apresenta e busca contextualizar várias questões, por exemplo, como o modelo industrial agroquímico aplicado no campo faz com que o agrotóxico chegue à mesa do brasileiro não apenas nas frutas e verduras, mas na pizza, no pão e no macarrão que são produzidos com um trigo transgênico também tratado com agrotóxico; ou que se “orgânico é para rico e pobre come agrotóxico” – uma das vinhetas do documentário - é pelo fato de que a política agrícola brasileira é uma política de incentivos aos agrotóxicos (que os isenta de impostos) e que subsidia o agronegócio (o crédito rural é condicionado ao uso obrigatório dos pesticidas); ou ainda como a Revolução Verde no próprio dizer de um produtor e agricultor paulista, apresentado logo no início da narrativa, conseguiu “destruir, apagar, esquecer toda a herança de agricultura tradicional, todo o conhecimento acumulado ao longo dos seus dez mil

anos e criou-se um negócio totalmente novo”.



(imagem/foto: máquina de aplicação de agrotóxico)

A Revolução Verde, é uma expressão, criada nos anos de 1960, referente a um amplo programa que tinha como propósito aumentar a produção agrícola através de pesquisas em sementes, uso intensivo de produtos químicos no solo e utilização de máquinas no campo. O programa, financiado pelo grupo americano Rockefeller, tinha como principal discurso o aumento da produção de alimentos para acabar com a fome no mundo.

Um discurso ainda hegemônico, como é possível perceber na fala da senadora Katia Abreu, do PSD do Tocantins, na Audiência Pública para debater os mecanismos de controle de agrotóxicos no país. Em um dos trechos apresentados no documentário, a senadora defende o uso de agrotóxicos para o aumento da produtividade de alimentos - não mais para acabar com a fome -, mas para que eles possam chegar mais barato à mesa do brasileiro.

A expansão e o fortalecimento das empresas multinacionais produtoras de agrotóxicos e de sementes transgênicas, ocorridas durante a Revolução Verde, se deram amparadas em fortes estratégias de comunicação, sobretudo em países como o Brasil. Estratégias essas dirigidas não só à população em geral, mas, sobretudo aos trabalhadores rurais, importantes elos na cadeia de produção de alimentos. As marcas são visíveis em várias práticas, a começar pela linguagem em que o veneno passa a ser remédio contra pragas e doenças ou mesmo defensivo agrícola e herbicida é o melhor sinônimo de pesticida.

O veneno está na mesa é um material da *Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida*, portanto não é comercializado, estando disponível na internet para ser baixado e copiado. No dia do debate na Fiocruz, Tendler revelou que o filme já tinha tido mais de 100 mil exibições.

Um bom começo para um empreendimento que, entre os seus cinco objetivos listados, um refere-se a “construir um processo de conscientização na sociedade sobre a ameaça que representam os agrotóxicos (...)” e outro a “pautar na sociedade a necessidade de mudança do atual modelo agrícola que produz comida envenenada”. Para empreender tais tarefas, terá que ter o aporte de duas áreas: a da educação e o da comunicação.

Na comunicação há um longo e árduo caminho pela frente, sobretudo para se contrapor a um discurso construído ao longo das últimas décadas pela Revolução Verde e pelas multinacionais dos agrotóxicos e de sementes transgênicas.

E que sejam produzidos outros materiais da qualidade do documentário **O veneno está na mesa**. Sobretudo materiais dirigidos não apenas ao grande público, ao consumidor final, mas a todos os setores envolvidos na produção agrícola do Brasil.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. S. Mercado simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, SP, v. 8. n. 14, p. 165-178, set. 2003/fev.2004.

_____. Materiais educativos e produção dos sentidos na intervenção social. Rio de Janeiro: IOC, FIOCRUZ, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (Brasil). **Campanha contra o uso de agrotóxicos**. São Paulo, [s. n.], 2011. (Especiais e Campanhas, n.43). Disponível em: <<http://www.mst.org.br/Campanha-contra-o-uso-de-agrotoxicos>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

GIRALDO, Lia et al. O contexto de vulnerabilidade e de nocividade do uso dos agrotóxicos para o meio ambiente e a importância para a saúde humana. In RIGOTTO, Raquel (Org.). **Agrotóxicos, trabalho e saúde: vulnerabilidade e resistência no contexto da modernização agrícola no baixo Jaguaribe/CE**. Fortaleza: UFC, 2011. p. 257-272.

SANTOS, Sílvia et al. Saúde na mídia, a cobertura da greve dos médicos em Pernambuco em 2008. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE - COM SAÚDE: conferência brasileira de comunicação e saúde, 2009, São Paulo. **Trabalho apresentado**. São Paulo: [s. n.], 2009. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Comsa%C3%BAde_2009>. Acesso em: 18 nov. 2011.

Recebido em: 23/02/2011

Aceito em: 23/03/2012